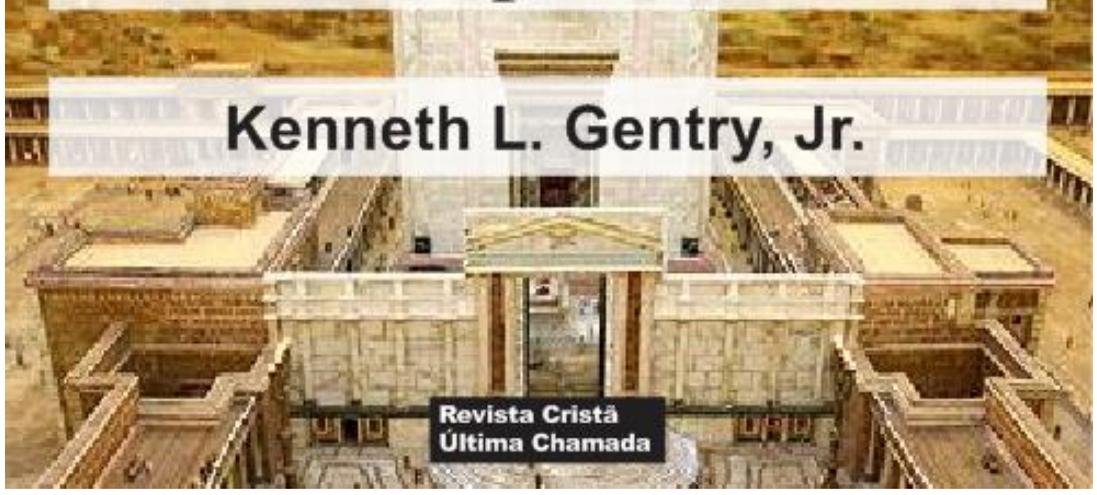


O Templo Judaico:
*local de adoração
ao Imperador*

Kenneth L. Gentry, Jr.



**Revista Cristã
Última Chamada**

Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre preterismo parcial e pós-milenista...

Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

O Templo Judaico:

local de adoração ao Imperador

Título original: Jewish Temple = Emperor Worship

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo

Revista Cristã
Última Chamada

Todos os direitos reservados.

**Este artigo está disponível gratuitamente no blog
Postmillennialismtoday.**

Blog: www.postmillennialismtoday.com

Acessado Segunda-feira, 27 de Março de 2017

Visando a divulgação do Preterismo e do Pós-milenismo, para a Glória de Deus, a *Revista Cristã Última Chamada* publica com design e profissionalismo artigos disponíveis em outros sites para que venham edificar aos irmãos em Cristo.

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina, Paraná,
Abril de 2017.

Índice

Sobre o autor.....	06
Apresentação.....	07
Parte 1	
O Templo Judaico: local de adoração ao Imperador.....	08
Parte 2	
Abuso do templo; templo passageiro.....	12
Parte 3	
As autoridades do templo eram irrevogavelmente corruptas... ..	16
Parte 4	
Os judeus se gabavam de serem descendência de Abraão.....	20
Parte 5	
O Templo judaico como ídolo pagão.....	24
Parte 6	
Uma polêmica anticética.....	27
Parte 7	
A adoração falsa no culto de Israel.....	32
Parte 8	
Conclusão.....	37
Obras importantes para pesquisa... ..	40

Sobre o autor

Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D., é um pastor, escritor, palestrante e conferencista conservador reformado. Nasceu e cresceu em Chattanooga, Tennessee. Obteve o seu título de Mestre em Divindade (M.Div.) no Reformed Theological Seminary e o Mestre (Th.M.) e Doutor em Teologia (Th.D.) no Whitefield Theological Seminary. Ele é o Diretor do NiceneCouncil.com e pastor na Reformed Presbyterian Church, General Assembly. É casado (desde 1971) e tem três filhos e cinco netos.

Apresentação

Pelo fato de levarem o Apocalipse ao literalismo extremo, muitos futuristas questionam como seria possível ter havido uma adoração da besta nos tempos da igreja primitiva. “*Qual prova que se tem de que houve realmente uma marca da besta nos tempos da igreja primitiva?*” Perguntam eles! Estas indagações demonstram por si só o desconhecimento que temos do que ocorreu nos tempos da igreja primitiva – principalmente das relações entre Roma e Israel.

O fato é que os judeus dos tempos da igreja primitiva, através de seu templo, promoveram o culto ao imperador romano. Eles cumpriram perfeitamente seu papel como a besta que emerge da terra (terra de Israel), exercendo “*todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada*” (Apocalipse 13:12).

Visando o esclarecimento desses assuntos, reuni nesta obra a série de oito artigos do teólogo Kenneth L. Gentry, Jr. que nos ajudará a mergulhar novamente nos tempos da igreja primitiva e, também, nos ajudará a entender melhor a mensagem do Apocalipse.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da
Revista Cristã
Última Chamada

Parte 1

O Templo Judaico:

local de adoração ao Imperador

Nesta série de 8 partes, estarei argumentando que o Templo judaico no primeiro século funcionou efetivamente como ferramenta de adoração do imperador, quando compreendido espiritualmente. [...]

Como escreveu João, Israel faz parte do regime romano há quase um século. Como tal, ele desfrutava de ligações especiais de “amizade e aliança mútua”, que começaram com Júlio César (Jos. 14:10:1, 185). Seu amor por César era tão grande que, depois que ele foi assassinado, os judeus choraram por muitas noites no local de sua cremação (Suetônio, Jul. 84:5). Josefo, um membro sacerdotal da aristocracia judaica, elogia Júlio e grava muitos dos tratados com os judeus que foram estabelecidos por César e mais tarde pelas autoridades romanas (Ant. 14:10:2-25, 190-267). Ele declara então:

“Há muitos decretos do senado e dos imperadores romanos e os diferentes destes diante de nós”.

(Ant 14:10:26)

Israel se envolve nesses alinhamentos apesar de seus profetas do Antigo Testamento que condenam alianças profanas como prostituição (por exemplo, Oséias 7:11, [...]). Como observado acima, o exercício da autoridade da besta terrestre é “na sua presença [do imperador romano]” (Apocalipse 13:1a). Mais tarde, em Apocalipse 17, veremos a aliança de Israel simbolizada por uma prostituta bêbada empenhada em uma orgia sexual com a besta do mar.

O Novo Testamento repetidamente cobra aos governantes religiosos de Israel a rejeição de Jesus, o Messias (Marcos 8:31, Lucas 19:47, 22:52, 54, 66, 23:10, 24:20, Atos 4:8-11, 13: 27). Enquanto Ele paira em agonia na cruz “até os príncipes estavam zombando Dele” (Lucas 23:35). Eles

fazem isso apesar de suas próprias Escrituras apontarem para Ele (Mateus 13:15-17, Lucas 24:25-27, João 5:39-40-47). Cristo se maravilha de que nem mesmo os príncipes de Israel podem entender coisas espirituais (João 3:1, 10) e são cegos (João 9:39-41). Eles até o acusam diante das autoridades romanas, dizendo que Ele proibiu o pagamento de impostos a César (Lucas 23:2), ameaças contra o templo (Marcos 14:58) e promovendo a insurreição contra Roma (Marcos 15:2-4).

Cristo frequentemente avisa seus discípulos sobre os projetos nefastos dos governantes religiosos contra Ele:

“Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia”.

(Mateus 16:21)

“Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-lo-ão à morte”.

(Mateus 20:18)

Ele prevê que a liderança de Jerusalém o entregará às autoridades romanas:

“E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito; Pois há de ser entregue aos gentios, e escarnecido, injuriado e cuspid...”.

(Lucas 18:31-32)

Embora estas sejam declarações proféticas reais que Cristo pronuncia durante seu ministério, elas são registradas em cada evangelho em uma data posterior como uma apologética para Jesus e o Cristianismo contra a liderança judaica. Como tal, sem dúvida seriam pregados e ensinados na igreja à medida que a luta com o judaísmo chegasse a um ponto. “Deve-se dar todo o peso ao testemunho de Marcos 6:34 (Mateus 9:36) que, aos olhos dos primeiros cristãos, o povo judeu era ovelhas sem pastor até que Jesus parecia fornecer a verdadeira liderança espiritual” (Hare 14).

No Evangelho de João, descobrimos o momento no qual Israel se torna apóstata: quando ele escolhe César ao invés de Cristo durante seu processo criminal. As autoridades religiosas judaicas (“*os principais sacerdotes e os oficiais*”, João 19:6, compare com João 18:13, 19, 22, 24) fazem grandes esforços para empregar a autoridade de Roma para matá-lo: obter

falsos testemunhos contra Jesus, “*trazendo muitas testemunhas falsas*” (Mateus 26:59-60).¹ Na verdade, eles estavam “*acusando-o veementemente*” (Lucas 23:1-10, 13-20). O procurador romano Pilatos vê que ele é claramente inocente pelo que ele “*fez esforços para libertá-lo, mas os judeus clamaram, dizendo: ‘Se você soltar este homem, você não é amigo de César; todo aquele que se faz rei rejeita a César’*” (João 19:12). Esta declaração “*amigo [philos, no grego] de César*” nos lembra as ligações judaicas de “*amizade*” (*filian*) com César (Ant. 14:10:1 § 185). Filo menciona que os judeus são “*amigos de César*” (Embaixada 36 §280). Assim, “*a cidade do grande Rei*”, havia denunciado seu Rei legítimo” (Walker 35). E essa denúncia sela sua condenação (veja as advertências de Jesus sobre Sua aproximação da traição e morte (Mateus 21:33-45; 22:2-14).

Os principais sacerdotes o denunciam vigorosamente diante da autoridade romana: “*Não temos mais rei senão César*” (João 19:15). Bruce observa:

“Sem dúvida, eles foram honestos ao dizer que César era o único *basileus* [rei] que conheciam; seu estatuto e privilégios dependiam da sua colaboração com o poder imperial”.²

Eles até se queixam ao procurador de que Jesus estava “*enganando nossa nação e proibindo de pagar impostos a César*” (Lucas 23:2). Esta não foi a primeira vez que rejeitaram a Deus como seu rei (ver 1º Samuel 8:5-8, 19-20; 12:12).

Como Milligan (1903, 231) explica elegantemente a situação em João 19:12-15:

“Eles são amigos de César! Eles atribuem valor às honras concedidas por César! Ó vil hipocrisia! Ó extremidade escura do ódio! Judaísmo aos pés de César!” Edersheim afirma que “com este clamor o judaísmo foi, na pessoa de seu representante, culpado da negação de Deus, de blasfêmia, de apostasia. Ele se suicidou”.³

Taylor relaciona isso com Apocalipse 13:

“Eles são inteiramente infiéis, descartando toda fidelidade a qualquer um, exceto a César, e clamam que não têm outro rei. É puramente dos judeus, toda a transação... Esta é a religião do homem, e ela, ao final, entronizará ‘o Obstinado’ e se curará à sua imagem (Apocalipse 13)”.⁴

Finalmente, em sua afirmação da autoridade judicial romana é que Israel tropeça em sua transgressão levando a sua rejeição (Romanos 11:11-12, 15). É na presença de Pilatos que ele clama por seu próprio julgamento:

“E todo o povo respondeu e disse: O seu sangue seja sobre nós e sobre os nossos filhos!”.

(Mateus 27:25; compare com Atos 5:28)

Os operários da primeira besta levaram as unhas nas mãos à insistência da segunda besta (Atos 2:23; 3:13-14); e o dragão está por trás de tudo (João 13:2, 27, Colossenses 2:15, Apocalipse 12:4b). Devemos lembrar mais uma vez que o fato de Israel colocar Cristo à morte é o tema central do drama de João (João 1:7) para que o Cordeiro abatido se torne sua figura principal (João 5:6-13; 13:8). Com sua gloriosa herança e privilégios (Romanos 3:1-2; 9:1-5) *essa nação* deveria tê-lo conhecido melhor do que os gentios (Lucas 23:34, Atos 17:30, Efésios 4:17-18).

Continua no próximo tópico...

Notas

¹ A number of scholars see the references in Acts regarding Jewish persecution and condemnation of the “Jews” as actually focusing on Israel’s leadership rather than the nation as a whole. For example: Galambush 78-92; Sanders Jews, *passim*.

² F. F. Bruce, *The Gospel of John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), 365.

³ Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (Grand Rapids: Eerdmans, n.d., rep. 1883), 2:581.

⁴ M. Taylor cited in A. W. Pink, *An Exposition of the Gospel of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1945), 3:226.

Parte 2

Abuso do templo; templo passageiro

Nesta segunda postagem em uma série de 8 partes estou argumentando que o Templo judaico no primeiro século funcionou efetivamente como ferramenta de adoração do imperador, quando compreendido espiritualmente.

Uma e outra vez o culto do templo é depreciado pelos profetas do Antigo Testamento quando Israel cai em pecado: Isaías 1:10-17; 29:13; 43:23-24; Jeremias 6:20; 7:1-6, 21-22; 11:15; Ezequiel 20:25; Oséias 6:5-6; Amós 4:4-5; 5:21-25; 9:1; Miquéias 6:1-8; Malaquias 1:10. Jeremias mesmo apresenta Deus como negando drasticamente que ele sempre dirigiu Israel ao sacrifício:

“Porque não falei a vossos pais, nem ordenei-os no dia em que os tirei da terra do Egito, em holocaustos e sacrifícios. Mas isto é o que eu lhes ordenei, dizendo: 'Obedeçam à Minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o Meu povo; e andareis em todo o caminho que vos ordeno, para que vos vá bem”.

(Jeremias 7:22-23)

O problema com o culto do templo não surge do ritual ordenado por Deus, mas sim dos que ministram o ritual. Consequentemente, “desde pelo menos o tempo de Malaquias houve protestos contra os sacerdotes, cuja corrupção significava que os sacrifícios oferecidos no templo não eram nem puros nem agradáveis ao Senhor” (Malaquias 3:3ss). Queixas semelhantes são encontradas nos Salmos de Salomão (2:3-5; 8:11-13), em Qumran (1Qp Hab 8:8-13; 12: 1-10; CD 5:6-8; 6:12-17) e no Talmud (B. Pes. 57a), enquanto Josefo descreve a maneira pela qual os servos da aristocracia sacerdotal roubavam dízimos dos sacerdotes ordinários (Antiguidades XX.8.8; 9:2) (Hooker *Mark* 264).

No registro do evangelho, a conduta sutil de Jesus e o ensinamento explícito nos preparam para a remoção do templo, este tanto teologicamente desnecessário quanto corrompido espiritualmente. O Evangelho de João é especialmente interessante a este respeito (ver Gaston 205-12, Walker 167-170, Davies Land, cap. 10, Templo Beale 195ff): Em João 1:14, Cristo aparece como o verdadeiro “*tabernáculo*” de Deus (*eskenosen en emin*, no grego).¹ Este tema de Jesus que substitui as características religiosas de Israel *aparece* repetidamente em seu ministério: Em João 1:51 Ele, em vez do templo ou sumo sacerdote, é o nexos entre o céu e a terra porque “*os anjos de Deus estão subindo e descendo sobre o Filho do Homem*”. Em João 2:19-21 Ele declara Seu corpo como o verdadeiro templo. Em João 4:21-23 Ele diz à mulher samaritana que o templo físico em breve será desnecessário.

Quando assiste à festa dos Tabernáculos (João 7:2ss), em João 7:37-39, Ele mesmo se torna a água viva que é associada tanto com o lembrete do festival de Moisés produzindo água da rocha (Êxodo 17:1-7; 20:8-13) e a promessa do templo (Zacarias 14:8, Ezequiel 47:1-11). Em João 8:12 Ele chama a si mesmo de “*a luz do mundo*”, que reflete a cerimônia do festival (*Sukkah* 5:1). No debate “*Eu sou*” em João 8:13-59 “Jesus estava se apropriando de si mesmo... Toda a essência do Templo como sendo a morada do Nome divino” (Walker 168). Em João 10:22-39, enquanto os judeus estão celebrando a Festa das Luzes que lembrava a re-consagração do Templo sob os Macabeus, Ele se apresenta como aquele que é “*santificado e enviado*”. Imediatamente depois de se declarar “*Eu sou*” (João 8:58) Ele sai do templo (João 8:59), que no Evangelho de João serve como Seu sinal de que Deus partiu do seu templo (Davies Land, 290-96). Esta parece ser a razão pela qual João não menciona a limpeza do templo no final de seu ministério: porque na estrutura de João, ele mandou Jesus partir do templo em João 8:59 levando a presença de Deus com ele.

Em João 10 Cristo vem para a Festa da Dedicção em Jerusalém, que celebra a vitória dos macabeus em reclamar o templo e reconstituir o altar e o templo. Lá, Jesus não entra no templo, mas chega somente ao pórtico de Salomão (João 10:23, compare com João 11:56, ver Davies Land, 294-96). Ele declara ser Ele “*aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo*” (João 10:36). Em João 12:41, ao referir-se a Isaias 6:5, Cristo se torna a glória (Shekinah do templo). Walker (172-73) argumenta que o episódio da sala superior (João 13-17) reflete uma “*experiência do templo*” começando com a lavagem dos pés como um ritual de iniciação (João

13:3ss) e terminando com a “*oração do sumo sacerdote*” (João 17). Assim, parece que “a mensagem exagerada de João é que o templo foi substituído por Jesus” (Walker 170²).

[...] De fato, em todos os Evangelhos “não havia negação de seu *status* teológico anterior, mas esse *status* era agora apropriado por Jesus” (Walker, 164). Como observa Brown (João 1:12): O Evangelho de “João pertence a esse ramo da Escritura do Novo Testamento (também Hebreus, o sermão de Estêvão em Atos 7:47-48), que era fortemente anti-templo”. Ele mesmo observa que isso pode explicar porque Ele é chamado de “*samaritano*” em João 8:48, em que eles rejeitavam o templo de Jerusalém.

Em várias ocasiões antes da vinda de Cristo, o templo sofre purificações por causa das profanações de Acáz (2º Crônicas 29:12ss), Manassés (2º Crônicas 34:3ss), Tobias (Novo 13:4-19) e Antíoco (1º Macabeus 4:36ss; 2º Macabeus 10:1). O templo do dia de Cristo também é corrupto para o próprio Cristo, Ele simbolicamente o limpa quando Ele abre seu ministério (João 2:13-17) e como Ele fecha (Mateus 21:12-13) - mesmo que seja sob o diário da administração em pleno funcionamento do sumo sacerdócio. Como observa Horsley (JSV 163): “Uma vez em Jerusalém, [Jesus] move-se diretamente para o centro simbólico e material da sociedade, o poder baseado na aristocracia dominante” para desafiá-la. De fato, Horsley (300) argumenta: “Jesus ataca as atividades nas quais a exploração do povo de Deus por seus governantes sacerdotais era mais visível”. Assim, “a ação de Jesus é uma clara condenação das autoridades sacerdotais que permitiram estas práticas: o resultado é que “*os principais sacerdotes*” se juntam aos “*escribas*” ao traçarem Sua morte” (Hooker Mark 268). Cristo chama o templo de que eles estão controlando de “*covil de ladrões*” (Mateus 21:13) só para depois “*os principais sacerdotes e os anciãos*” exigir a libertação do ladrão Barrabás *ao invés dEle* (Mateus 27:40, João 18:40).³ Na verdade, eles perguntam a Ele sobre que autoridade Ele expulsa os cambistas e ensina no templo, já que eles não o comissionaram para limpar a corrupção (Mateus 21:23).⁴ Como observa Galambush: “Não é por acaso que as afirmações extravagantes de Mateus sobre a autoridade de Jesus são colocadas no contexto de confrontos com os fariseus”.

DeYoung (JNT 63) argumenta que as ações de Cristo não são um esforço de reforma, mas um testemunho contra o culto presente. Isto é evidente na primeira purificação que Ele alude à sua destruição (João

2:19) e no contexto imediato da segunda, Ele amaldiçoa a figueira como símbolo da corrupção de Israel (ver Oséias 9:10, 16, Miquéias 7:1). Hahn (155) concorda: “O procedimento de Jesus nos recintos do templo só pode ser entendido como uma ação simbólica proclamando julgamento e punição no santuário judaico se ele estiver conectado com a maldição da figueira, como é no presente redacional contexto”. Wright resume bem a evidência de que Cristo estava declarando simbolicamente seu julgamento: “Praticamente todas as tradições, dentro e fora dos evangelhos canônicos, que falam de Jesus e do templo, falam de sua destruição. O incidente da figueira de Marcos; a imagem de Lucas de Jesus chorando sobre Jerusalém; João está dizendo sobre destruir e reconstruir; as tradições sinóticas das falsas testemunhas e suas acusações, e do zombar ao pé da cruz; o dizer enigmático de Tomé (“*Eu destruirei esta casa, e ninguém será capaz de reconstruí-la*”); a acusação em Atos de que Jesus iria destruir o templo: todos estes falam claramente o suficiente, não de limpeza ou reforma, mas de destruição”.

Continua no próximo tópico.

Notas

¹ The writer of Hebrews critiques the temple in terms of the transitory tabernacle. He does this because the old covenant and all of ritual is “becoming obsolete and growing old” and “is ready to disappear” (Heb 8:13). God is about ready to shake “created things, in order that those things which cannot be shaken may remain” (Heb 12:27). The “created things” are the physical implements of the temple (Heb 9:11, 24).

² See also: Raymond E. Brown, *The Gospel According to John* (Garden City: Doubleday, 1966/70), 1:1xx; William D. Davies, *The Gospel and the Land: Early Christianity and Jewish Territorial Doctrine* (Berkeley: University of California, 1974, 1974), 296ff; Aileen Guldin, *The Fourth Gospel and Jewish Worship* (Oxford: Clarendon, 1960), 172ff

³ Eventually the Jews would be overrun by robbers: “As for the affairs of the Jews, they grew worse and worse continually, for the country was again filled with robbers and impostors, who deluded the multitude” (Ant. 20:8:5). We should remember that the Gospels are written awhile after Christ and record information to assist Christians in that later time. That Christ denounces the temple as a robber’s den should strike a sympathetic chord with Jewish Christians a few decades later. Josephus notes that the highpriests abuse the people and take away the tithes (Ant. 20:9:2), even making seditious attacks in Jerusalem (Ant. 20:9:4).

⁴ During the Jewish War even Josephus speaks of God’s rejecting the temple because “he no longer esteemed it sufficiently pure for him to inhabit therein” (Ant. 20:8:5).

Parte 3

As autoridades do templo eram irrevogavelmente corruptas...

Nesta terceira postagem de uma série de 8 partes estou argumentando que o Templo judaico no primeiro século funcionou efetivamente como ferramenta de adoração do imperador, quando compreendido espiritualmente.

As autoridades do templo, incluindo especialmente os sumos sacerdotes, eram irrevogavelmente corruptas muito antes da Guerra Judaica. De fato, o sumo sacerdote no dia de Jesus era Anás, de quem Brown [...] observa: “a corrupção da casa sacerdotal de Anás era notória”. De acordo com Josefo:

“As principais famílias de sumo sacerdócio, as gangues contratadas de bandidos, não só estavam disputando entre si, mas tornaram-se predadoras, apreendendo pela força das eiras os dízimos destinados aos sacerdotes ordinários”.

(Ant. 20.180, 206-7)

O Talmude Babilônico lamenta:

“Ai de mim, por causa da casa de Boetus; ai de mim por causa de suas varas!... Ai de mim, por causa da casa de Ismael, filho de Fabi; Ai de mim por causa dos seus punhos! Pois eles são sumos sacerdotes... E os seus servos espancaram o povo com varas”.

(Pesa 57a)

“Começando por cerca de 58 ou 59, os sumos sacerdotes começaram a cercar-se com bandos de salteadores, que abusariam dos sacerdotes comuns e da população em geral”.

(Horsley HP 45)

Na verdade, “os sumos sacerdotes e os monarquistas realmente contribuíram para a ruptura da ordem social através de suas próprias ações agressivas, mesmo violentas, predatórias” (Horsley, HP 24).

Completamente frustrado com a colaboração contínua dos sumos sacerdotes com os romanos, “um grupo de sábios/professores chamados Sicários ou *‘homens da adaga’* virou-se para assassinar figuras-chave do sumo sacerdócio (BJ 2.254-57)... A população de Jerusalém era tão dependente do sistema do templo do sumo sacerdócio como a aristocracia do sumo sacerdócio estava em seus patrocinadores romanos” (Horsley, Galilee 73-74). Na verdade, “quando as tropas romanas sob Cestius finalmente chegaram a retomar o controle de Jerusalém... a aristocracia sacerdotal tentou abrir-lhes as portas...” (Novembro 66, B.J. 2.517-55)” (Horsley, Galilee 74).

Jesus prega contra a condição degenerada do templo quando menciona a morte do filho de Baraquias, que foi “*assassinado entre o templo e o altar*” (Mateus 23:35). Quando, pela última vez, ouvimos Cristo referindo-se publicamente ao templo, ele o chama de “*vossa casa*” em vez da casa de Deus (Mateus 23:38). Então declara-o “*desolado*” e cerimoniosamente parte dele (Mateus 23:38; 24:1). E “é extremamente significativo que a declaração de abandono (verso 38) seja precedida pelos sete problemas na hierarquia religiosa de Jerusalém” (DeYoung, JNT 91). A comunidade de Qumran existia em grande parte por causa de seu desdém pela corrupção do templo.

Durante o intercâmbio com relação às suas ações no templo, Jesus se refere a João Batista que chama Israel ao arrependimento (Mateus 21:24-25). João chama o povo de Jerusalém para o deserto para arrepender-se, efetuando assim um êxodo reverso (Mateus 3:1-5) - como se Jerusalém fosse agora Egito e devesse ser deixada (Apocalipse 11:8); e ele recusa os líderes religiosos, os fariseus e saduceus, exigindo que eles “produzam frutos de acordo com o arrependimento”, em vez de tomar o seu orgulho, supondo que eles podem dizer a si mesmos: “*Temos Abraão por nosso pai; porque eu vos digo que Deus é capaz destas pedras levantar filhos a Abraão*” (Mateus 3:7-9). Cristo até denuncia a elite religiosa de Israel como “*uma geração má e adúltera*” (Mateus 12:38-39).

Além disso, Jesus suplanta intencionalmente as cerimônias do culto do templo em seu ministério (ver Gaston, cap 3). Ele proclama que Ele é “*maior do que o templo*” (Mateus 12:6). Ele ensina que amar a Deus e ao próximo “*é muito mais do que todos os holocaustos e sacrifícios*”

(Marcos 12:32). Ele autoritariamente declara o leproso purificado (Marcos 1:40-45) em vez de direcioná-lo para ir aos sacerdotes, a fim de assegurar a purificação (Levítico 14:2ss). Ele toca a mulher imunda, mas não se torna impuro a si mesmo (Marcos 5:25-34; Levítico 5:2-3). Ele declara que a comida não faz alguém imundo (Marcos 7:15; Levítico 11:4). Ele nem sequer paga o imposto do templo, exceto na ocasião em que pode causar ofensa (Mateus 17:24-27). E, então, Ele o paga fora de sua própria bolsa e por meio de um milagre único. Neste contexto, “a declaração de Jesus de que *“os filhos são livres”* parece ter fornecido uma inequívoca declaração de independência do templo e do estabelecimento político-econômico-religioso que o acompanha” (Horsley JSV 282).

Jesus profetiza a destruição do templo tão claramente (João 2:19-20; Mateus 24:1ss) que os judeus zombam dele na cruz sobre o assunto (Mateus 27:40). Mais tarde recordam esta declaração contra seus discípulos (Atos 6:14). Depois de amaldiçoar a figueira como que representando Israel (Mateus 21:19) Ele declara que a montagem do templo será lançada no mar (Mateus 21:21) (Hooker Mark 269). Seus ensaios lembram especificamente Suas declarações sobre a destruição do templo (Marcos 14:58, Mateus 26:61), embora alegaram falsamente que Ele disse que iria destruí-lo pessoalmente. No final do seu ministério, Ele apresenta um grande discurso sobre a destruição do templo (Mateus 24: 2ss).

Na Sua morte, o véu do templo é *“rasgado em dois de cima para baixo”* (Marcos 15:38). “As referências de Jesus ao templo até agora neste evangelho têm concernido a sua destruição e substituição, e o rasgo da cortina exterior mais visível e magnífica tomaria mais naturalmente este tema. Seguindo o escárnio de [Marcos 15:29-30], esta seria uma reação divina particularmente apropriada: o processo de destruição e substituição do templo realmente começou, assim como Jesus continua pendurado na cruz” (França, *Mc* 657). O rasgamento do véu, então, era um “sinal claro da destruição iminente do templo” (Horsley JSV 162). De fato, devido ao seu bordado com os céus estrelados, seu rasgamento seria um símbolo apropriado da destruição do início, não apenas do templo (que simbolizava o cosmos como um todo), mas do próprio cosmos “como o novo processo de criação é iniciado na morte de Cristo (Templo *Beale* 189). Conseqüentemente, isso retrata “a destruição inquebrantável da antiga criação e inauguração da nova criação, que introduz o acesso de todos os crentes à santa presença de Deus de um modo que não estava

disponível na antiga criação” (Templo *Beale* 190). Os Pais da Igreja muitas vezes vinculam a destruição do Templo com a morte de Cristo.²

Como o batimento cardíaco de sua religião, o templo é um elemento-chave no orgulho auto-suficiente do judeu. Rabinos orgulhosamente exclamam: “Aquele que não viu o Templo de Herodes nunca viu em sua vida uma bela estrutura” (B. Bat. 4a, ver Mateus 24:2; Lucas 21:5, Philo, *Spec.* 1:72-73, *Jos., Ant.* 15:11:3). Mesmo os discípulos do Senhor estavam enamorados da majestade do templo (Mateus 24:1). Os revolucionários em Israel durante a Guerra Judaica estavam confiantes de que o templo de Deus sobreviveria ao assalto de Roma. Enquanto aguentaram sedutores e falsos profetas (J.W. 6:5:2 §285-86). Mesmo durante a guerra, os judeus pensavam que a cidade de Jerusalém onde reside o templo de Deus não poderia ser derrotada:

“Os homens de guerra que estavam na cidade foram levantados em suas mentes e foram elevados a esse seu bom sucesso e começaram a pensar que os romanos jamais se aventurariam a entrar na cidade; e que se eles guardaram dentro de si mesmos, eles não devem ser mais conquistados”.

(J.W. 5:8:2 §)

Antes do ano 70 d.C., o significado do templo é tal que era o próprio “fundamento e foco do culto nacional”, um dos “três grandes pilares da piedade popular judaica”, “o cardeal postulo da fé judaica”, a Terra e a Lei (EBC 9:336, 337). E dada a estrutura da vida antiga na fusão de perspectivas religiosas e políticas, “a função do Templo era mais extensa e central na sociedade judaica do que a redução teológica moderna que à dimensão religiosa permite” (Horsley JSV 286).

Continua no próximo tópico.

Notas

¹ Philo QE 2:85; Mos. 2:87-88; Jos. J.W. 5:5:4 §212-14; Ant. 3:6:4 §123, 183.

² Barn. 5:11-13; Justin, 1 Apol. 35; 38; 40; 47; Dial. 108; Tertullian, Adv. Jud. 13:14; Apol. 26; Origen, Ag. Cels. 1:47; 4:22; Gosp. Pet. 1:1; 7:25.

Parte 4

Os judeus se gabavam de serem descendência de Abraão

Nesta quarta postagem de uma série de 8 partes estou argumentando que o Templo judaico no primeiro século funcionou efetivamente como ferramenta de adoração do imperador, quando compreendido espiritualmente.

Junto com o orgulho em seu santuário nacional os judeus se gabavam de sua descendência física de Abraão, como Paulo fortemente indica:

“Eles são hebreus? Eu também. Eles são israelitas? Eu também. Eles são descendentes de Abraão? Eu também sou”.

(2ª Coríntios 11:22)

Isso envolve a confiança na carne (Gálatas 4:23, 39; 1ª Coríntios 10:18). Eles se orgulhavam da circuncisão física (Romanos 2:25-29, Gálatas 5:11, 6:12-13, Filipenses 3:2-3; Tito 1:10). Na verdade, eles confiavam em todas as suas tradições rituais como o testemunho de Paulo mostra:

“Eu estava avançando no Judaísmo além de muitos dos meus contemporâneos entre os meus conterrâneos, sendo mais extremamente zeloso por minhas tradições ancestrais”

(Gálatas 1:14)

Quando ele defende seu apostolado contra seus oponentes, ele escreve:

“Eles são hebreus? Eu também. Eles são israelitas? Eu também. Eles são descendentes de Abraão? Eu também sou”.

(2ª Coríntios 11:22)

Vemos a forte preocupação ritual do Judaísmo no início do testemunho cristão pós-Pentecostes. Em Atos 6:14, Estêvão é acusado de uma tentativa de *“alterar os costumes que Moisés nos transmitiu”*.

Scharlemann observa que “a palavra traduzida como “*costumes*” é *eth* [em grego]; e esta, por sua vez, é uma tradução da palavra *minh*, obtida do hebraico. Foi usada para cobrir todo o complexo conjunto de prescrições rituais e obrigações religiosas assumidas pelo judeu quando tomou sobre si o jugo do reino. Era a palavra usada para se referir ao cumprimento das exigências da tradição oral”.

O orgulho judaico acaba por levá-los a travar uma guerra contra Roma, acreditando em vão que eles mantêm “Deus como seu único Senhor e Mestre” (J.W. 7:10:1 §410). Os zelotes afirmavam particularmente “um apego inviolável à liberdade e diziam que Deus deve ser seu Único Governante e Senhor” (Ant. 18:1:5 § 23). João de Gischala responde aos apelos de Josefo a render-se, observando que “ele nunca temeu a tomada da cidade, porque era a própria cidade de Deus” (J.W. 6:2:1). Isso repete o erro de seus pais antes da destruição do primeiro templo, como veremos abaixo.

De acordo com a Mishnah:

“Sobre três coisas o universo está: sobre a Torá, e sobre o serviço do Templo, e sobre as obras de misericórdia”.

(Avot 1:2)

Scharlemann comenta:

“Quão mal Jerusalém e seu Alto Conselho precisavam ouvir o aviso de Estêvão [Atos 7] pode ser demonstrado pelo fato de que, quase no momento em que o templo estava prestes a ser destruído por soldados romanos, em agosto do ano 70 d.C., um profeta foi capaz de persuadir muitos dos habitantes de Jerusalém que deveriam recorrer ao pátio do templo com a convicção de que o Deus de Israel jamais permitiria que este santuário caísse nas mãos dos gentios.

Durante o Seu ministério, os fariseus pediram que Jesus repreendesse seus discípulos por louvá-lo na entrada triunfal. Jesus adverte que a destruição do templo resultará quando Israel não o aceitar: “*E ele respondeu e disse: ‘Se vocês ficarem em silêncio, as pedras gritarão!’*” (Lucas 19:40). Isso significa que “se os discípulos não falam, se não proclamam Jesus como o redentor de Israel e o portador da paz, então a mensagem eloquente das pedras derrubadas de uma cidade destruída clamará aos sobreviventes que Jerusalém deveria ter se arrependido” (Gaston 359).

Isto se torna claro quatro versículos mais tarde, quando ele declara que seus inimigos “*te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti*

estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visitação” (Lucas 19:44).

DeYoung forneceu uma análise cuidadosa e perspicaz do papel de Jerusalém como uma característica na polêmica do Novo Testamento contra Israel. Paulo castiga Jerusalém, a casa do templo, em Gálatas 4:21-31. Nesta passagem Paulo fornece “uma descrição do resíduo religioso oco a que Jerusalém se aferrou tenazmente depois que ela rejeitou a salvação oferecida por Cristo: uma religião de servidão à lei” (DeYoung, JNT 103). Ou seja, Israel se apega às críticas cerimoniais da velha economia da aliança como se esse fosse o verdadeiro coração da verdadeira devoção religiosa. Paulo está mostrando “que o Judaísmo, com seu centro em Jerusalém, estava praticando uma religião de escravidão à lei [cerimonial]. Isso ele faz, antes de tudo, caracterizando Hagar, acusando-a de que, em virtude dessas características, ela e Jerusalém têm uma semelhança básica” (DeYoung, 104). Jerusalém tornou-se uma “mulher escrava” (Gálatas 4:22-23). Esta passagem inteira “representa, talvez, a mais aguda polêmica contra Jerusalém e o judaísmo no norte. Deve ter sido um grande choque para os judeus ter sua cidade santa ligada com ‘Hagar e sua semente’” (DeYoung 106).

Continuando sua análise, DeYoung (109) observa que em Hebreus 10-13 “pode haver pouca dúvida de que o autor pretendia que esses versículos fossem como uma exortação para seus leitores romperem todos os laços com o judaísmo de seu dia centrado em Jerusalém. Ele produziu dois dos mais poderosos argumentos disponíveis. Jerusalém perdeu todo significado redentor para o cristão porque Cristo fez o sacrifício final pelo pecado fora dos portões de Jerusalém, e a redenção só pode ser encontrada onde Ele está - sem o acampamento. Jerusalém perdeu todo significado escatológico; não há uma cidade permanente na terra; daí o cristão, como Abraão, procura a cidade que há de vir (Hebreus 13:14), a cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial (Hebreus 12:22) cujo construtor e criador não é outro senão o próprio Deus.

Hill cita as observações de J. B. Lightfoot sobre o significado do sermão de Estevão. Hill escreve que “foi Estevão, o “mártir da liberdade” e reconhecido “precursor” do apóstolo Paulo, quem foi o primeiro a soar... [sobre] a morte e o funeral das ordenanças mosaicas e a adoração no templo” (Hill CC, 9). De fato, de acordo com as reflexões de Weins sobre Atos 6:11, “a acusação de abandonar Moisés logo poderia virar-se contra os oficiais ouvindo e julgando Estêvão”.

Isto é porque Estêvão destaca que seus próprios pais se voltaram contra Moisés (Atos 7:39-40), fazendo o mesmo bezerro de ouro (Atos 7:41). E eles eram tão culpados como seus pais (Atos 7:52-53). Scharlemann observa que o sermão de Estêvão é o discurso mais longo em Atos e que “sua própria extensão sugere que o autor de Atos pretendia que refletisse alguma faceta importante da vida primitiva da igreja”.

Continua no próximo tópico.

Notas

¹ Cp. Lk 3:8; 16:24, 30; Jo 8:39, 53, 56; Ro 2:17ff; cp. Ro 1:16; 2:9-10; 10:12; Gal 3:28; Col 3:11.

² Cp. 1Co 7:18-19; Ga 5:2-3, 5; Eph 2:11; Col 2:11; 3:11.

Parte 5

O Templo judaico como ídolo pagão

Nesta quinta postagem de uma série de 8 partes estou argumentando que o Templo judaico no primeiro século efetivamente funcionou como ferramenta de adoração do imperador, quando compreendido espiritualmente. Eu recomendo ler os artigos anteriores primeiro, e em ordem.

Em última análise, o sistema do Templo tornou-se para Israel um ídolo substituindo uma relação correta com Deus. O formalismo substituiu o vitalismo na adoração, o externalismo expulsou a espiritualidade. O Senhor repreende os escribas e os fariseus por seu tradicionalismo vazio que *“invalidou a palavra de Deus”* (Mateus 15:1-6), tornando-os *“hipócritas”* (Mateus 15:7) e mostrando que *“este povo me honra com seus lábios / Mas o seu coração está longe de mim, / Em vão me adoram, / ensinando como doutrinas os preceitos dos homens”* (Mateus 15:8-9). Ele disciplinou Pedro por não entender a hipocrisia envolvida nos rituais de lavagem das mãos dos fariseus (Mateus 15:15-20), pois *“não é o que entra na boca contamina o homem, mas o que sai da boca, isso contamina o homem”* (Mateus 15:11).

Como observa Galambush (72):

“A acusação de hipocrisia... É a queixa principal de Mateus contra os árbitros da justiça dos seus dias. Eles colocam encargos de observância ritual sobre outros que eles próprios se recusam a suportar, “eles fazem todos os seus atos para serem vistos por outros”, eles dão dízimos da menor parte de seus produtos, evitando as questões mais importantes de justiça e misericórdia. São “tumbas caiadas, que de fora parecem lindas, mas por dentro estão cheias de ossos dos mortos e de todos os tipos de imundície”.

As parábolas de Cristo sobre o filho pródigo (Lucas 15:11-32) e a do fariseu e do publicano (Lucas 18:9-17) expõem a justiça vazia dos líderes

religiosos. Mesmo o jovem governante rico (*archōn*) prefere seu *status* rico acima da aceitação por Deus (Lucas 18:18-25).

O Senhor adverte seus seguidores:

“Os escribas e os fariseus se assentaram na cadeira de Moisés; portanto, tudo quanto vos disserem, fazei e observai, mas não façais segundo as suas obras; porque dizem coisas, e não as fazem”.

(Mateus 23:2-3)

Esse formalismo morto é trazido ao próprio contexto do templo quando Cristo amaldiçoa a figueira por folhas vistosas enquanto faltavam frutas (Marcos 11:12-14). Ele faz isso depois de examinar o templo (Marcos 11:11) e pouco antes de expulsar os cambistas (Marcos 11:15).

No Velho Testamento vemos o mesmo problema de devoção ao templo externo, em vez de preocupação com Deus. Lá, a respeito da destruição do primeiro templo, Israel prefere acreditar em falsas profecias a respeito de sua inviolabilidade (Jeremias 5:31, 20:6, 27:15; 29:9, 21, Ezequiel 13:7, 9, 22:28; compare com Apocalipse 16:13). Deus advertiu Israel no Antigo Testamento:

“Não confieis em palavras enganosas, dizendo: ‘Este é o templo do Senhor, o templo do Senhor, o templo do Senhor’”.

(Jeremias 7:4)

Ele ameaçou:

“Portanto, farei à casa que é chamada pelo meu nome, em que confias, e ao lugar que eu dei a ti e a vossos pais, como fiz a Siló”.

(Jeremias 7:14)¹

Israel declara arrogantemente:

“Não está o Senhor em nosso meio? Calamidade não virá sobre nós”.

(Miquéias 3:11)

O Senhor adverte:

“Que direito tem a minha amada na minha casa, visto que com muitos tem cometido grande lascívia? Crês que os sacrifícios e as carnes santificadas poderão afastar de ti o mal? Então saltarias de prazer”.

(Jeremias 11:15)

Isaías pressiona poderosamente este problema do templo-como-ídolo contra o Israel rebelde em Isaías 66:3, que “contém uma das mais fortes

denúncias de culto na Bíblia” (Oswalt 2:667). O profeta compara as ações sacrificais no sistema do templo com vários pecados, incluindo a idolatria:

“Quem mata um boi é como o que tira a vida a um homem; quem sacrifica um cordeiro é como o que degola um cão; quem oferece uma oblação é como o que oferece sangue de porco; quem queima incenso em memorial é como o que bendiz a um ídolo; também estes escolhem os seus próprios caminhos, e a sua alma se deleita nas suas abominações”.

De acordo com vários exegetas competentes, a profecia de Isaías tem um cumprimento final no templo de Herodes após a morte de Jesus. Por exemplo, Young (Isa. 3:520) argumenta que eles “continuaram oferecendo os sacrifícios mesmo depois que o único Sacrifício verdadeiro tinha sido oferecido”. Alexander (Isa. 3:460) afirma que essa passagem ensina “a doutrina geral de que o sacrifício é odioso aos olhos de Deus, se oferecido em espírito perverso, mas com uma referência especial aos sacrifícios antigos, depois que o grande Sacrifício pelo pecado veio e foi oferecido uma vez por todas” (cp. Watts, Isa. 34-66, 356).

Continua no próximo tópico.

Notas

¹ Jer 7 includes the verse the Lord cites in his temple cleansing statement regarding the “den of robbers,” Jer 7:11. Walker (277) comments: “Jesus’ quoting from Jeremiah’s famous ‘Temple sermon’ . . . then gave a further clue that, as in Jeremiah’s day, the inevitable result was divine judgment — and for similar reasons. Jeremiah had spoken out against the false trust which his contemporaries were placing in the ‘Temple of the Lord’ (Jer. 7:4), seeing this gift of God as something behind which they could hide from God’s ethical concerns. Jesus’ actions and words implied that there was a similar abuse of the divine gift in his own day. The Temple was being used to service god-less agendas.”

Parte 6

Uma polêmica anticética

Nesta sexta postagem de uma série de 8 partes estou argumentando que o Templo judaico no primeiro século funcionou efetivamente como ferramenta de adoração do imperador por causa de sua corrupta aristocracia sacerdotal. Eu recomendo ler os artigos anteriores primeiro, e em ordem.

Gastão (75-76) defende “uma polêmica anticética definida na tradição por trás do evangelho segundo Marcos”. Assim, em Marcos 14:58, o próprio Senhor alude ao templo como um ídolo para Israel. Lemos testemunhas contra Ele declarando: “Nós o ouvimos dizer: ‘Eu destruirei este templo feito com mãos [*cheirpoiēton*, no grego] e em três dias eu construirei outro feito sem mãos””. Vemos *cheirpoiēton* frequentemente usado para ídolos na LXX [Septuaginta] no lugar de *eidōlon* ou *tupos*. Na LXX o termo “quase sempre” (TDNT 9:436) refere-se a ídolos pagãos: Levítico 26:1; Deuteronômio 4:28; 2º Reis 19:18; 2º Crônicas 32:19; 27:15; Salmos 115:4; 135:15; Isaías 2:8; 10:11; 16:12; 19:1; 21:9; 31:7; 46:6; Habacuque 2:18. Beale afirma que “sempre” se refere a ídolos (Beale, Templo 224n). Simon (133) observa que “*chiropoiēton* é o termo técnico, por assim dizer, pelo qual a Septuaginta e os judeus de língua grega descrevem os ídolos”. Também encontramos em Filo (Vit. Mos. 1:303; 2:51, 88, 165, 168) e nos Oráculos Sibílicos (3:650ff; 4:8-12). Consequentemente, Evans observa que “feito com as mãos” é uma “insinuação do status idólatra [do templo]”; Lightfoot concorda. Portanto, Walker (10) chama essa frase de “potencialmente incendiária”.

Muitos argumentam que Cristo está estabelecendo o templo físico de Israel contra o templo espiritual (a Igreja Cristã). Esta é certamente uma verdade teológica legítima ensinada em outras partes da Escritura. No entanto, isso não parece ser o ponto principal de Marcos aqui, como se tornará mais evidente na referência de Estêvão à declaração de Cristo

(veja abaixo). Além disso, a afirmação “*não feito com mãos*” (*acheiropoiētois*, no grego) ocorre sozinho quando se fala de realidades eternas, como a circuncisão espiritual (Colossenses 2:11) e o corpo da ressurreição (2ª Coríntios 5:1). Não é contrastado com *cheiropoiōton*, como aqui em Marcos 14:58.

Isso se torna ainda mais sugestivo quando percebemos que duas referências em Atos se movem ao longo destas linhas, Atos 7:48 e 17:24. Ambos os versículos fazem parte da tradição que deriva dos ensinamentos de Cristo registrados em Marcos. Em Atos 7:48, Estevão usa este termo para advertir os líderes judeus de seu fracasso espiritual. Muitos estudiosos concordam com Marshall que observa que “esta é uma palavra derogatória usada para adoração de ídolos (por exemplo, Isaías 31:7, Sabedoria 14:8). Aplicá-la ao templo poderia muito bem irritar os judeus (Marcos 14:58, Hebreus 9:24)”.

Esta idolatria-equação é quase certamente a intenção de Estevão como podemos descobrir de sua defesa. Ele está diante das autoridades religiosas de Israel (anciãos, escribas, Sinédrio e o sumo sacerdote, Atos 6:12, 15; 7:1). Lá seus acusadores acusam que ele estava pregando contra o Templo, assim como Cristo fez: “Nós o ouvimos dizer que este Nazareno, Jesus, destruirá este lugar” (Atos 6:14, Marcos 14:58). Em vez disso, de contestar a acusação como totalmente fraudulenta, ele fornece um argumento histórico-redentor defendendo seu ensino quando devidamente compreendido - até ao ponto de trazer o fato adicional do julgamento de Cristo que seu templo foi “*feito com as mãos humanas*” (Atos 7:48). Nisto ele proferiu uma “condenação radical” em relação ao templo (Simon 134).

Surpreendentemente, pouco antes de Estevão falar do templo como que “*feito com as mãos humanas*”, ele menciona os país de Israel fazendo o bezerro de ouro e “*regozijando-se nas obras das suas mãos [ergois Ton Quíron]*” (Atos 7:41b), enquanto eles estavam “*não querendo obedecer*” (Atos 7:39). Beale (*Temple* 225) vê isso como sendo “provável que Estevão tem a idolatria em mente no verso 48”. Ele, então, lembra-lhes que Deus declara que os seus sacrifícios no deserto “*não eram para mim*”, mas para Moloque e para “*a estrela do deus a estrela do vosso deus Renfã*” (Atos 7:42-43, aqui está fazendo referência a Amós 5:25-26). Scobie observa que “o anexo supersticioso dos judeus ao seu templo é feito para aparecer como uma continuação de sua idolatria no deserto” (Scobie, “*Origins*”, 394-95). Da parte de Estevão a “condenação do

templo inclui a condenação do culto sacrificial” em que os sacrifícios não são mencionados por Estevão “em conexão com o templo, mas em relação ao bezerro [dourado]” (Simon 134). Ele chama esse ponto em sua conclusão quando declara que os líderes judeus são virtualmente gentios em ter “*ouvidos incircuncisos*” ao não entenderem a vontade de Deus (Atos 7:51).

Em relação a Atos 7, Hahn (373-74) afirma que “a adoração do templo praticada pelos judeus é, como a palavra do profeta no verso 48 mostra, um serviço de ídolos que nega a verdadeira divindade de Deus. Ele continua: Da mesma forma, as declarações relativas aos ídolos e a adoração no templo juntamente com os juízos proféticos são encaminhados para o tempo dos judeus que estavam vivendo então. Com isso também se harmoniza a palavra inclusiva no verso 51 sobre obstinação e impenitência com a conclusão “*como seus pais fizeram, assim o fazem*” (374). Ele argumenta que “a palavra ameaçadora de Amós 5:25-27 é mostrada no verso 39. Também deve ser entendida tipologicamente e, conseqüentemente, o fim do verso 43 [“Eu também o removerei além de Babilônia”] deve ser encaminhado à catástrofe do ano 70 d.C.” (373).

Por vários meios Estevão diminui o templo e sugere que ele se tornou um ídolo para Israel (EBC 9:346-48):

(1) Ele fala muito do “*tabernáculo*” contra o templo, chamando-o de “*o tabernáculo de Testemunho*” (Atos 7:44a), enquanto que o templo é falado de forma mais negativa (Atos 7:48-50).

(2) Ele observa que o tabernáculo foi erguido pela palavra de Deus a Moisés (Atos 7: 44b), que é a figura central-redentora-histórica em seu sermão (Atos 7:20-44) e que serve como um tipo de Cristo (Atos 7:37).

(3) Levou Josué a despojar as nações e com ele assegurou a terra prometida (Atos 7:45).

(4) Estava em uso até o tempo de Davi, que “*achou graça aos olhos de Deus*” (Atos 7:46).

(5) Então, sobre o amado Davi, ele afirma: “*Mas Salomão construiu uma casa para ele*” (Atos 7:47). Ele provavelmente tem em mente Salomão como aquele cujas “*esposas viraram seu coração para longe para outros deuses; e seu coração não era inteiramente devotado ao Senhor seu Deus, como o coração de Davi, seu pai, havia sido*” (1º Reis 11:4, compare com 11:4-9). As ações de Salomão levaram à sua ruína: “Assim

disse o Senhor a Salomão: Pois que houve isto em ti, que não guardaste a minha aliança e os meus estatutos que te mandei, certamente rasgarei de ti este reino, e o darei a teu servo” (1º Reis 11:11). Assim, aquele que construiu o templo trouxe a idolatria para Israel onde deveria permanecer como uma praga recorrente.

Mais importante ainda, Estêvão apoia seu argumento contra o templo especificamente citando Isaías 66:1-2 (Atos 7:49-50) - os dois versículos que conduzem à denúncia de Deus sobre a adoração do templo de Israel como idólatra (Isaías 66:3, veja a discussão acima). “Se Isaías 66:4-5 é repetido [em Atos 7:51-52], então os inimigos judeus de Estêvão também devem ser identificados com os idólatras em Isaías 66:3, o que se encaixaria com a versão anterior de Estêvão para Israel como idólatra (Atos 7:42-43)” (Beale, *Templo* 223). Ele então conclui por equiparar essas autoridades com seus antepassados idólatras, chamando-os de [homens] “*de dura cerviz e incircuncisos [como gentios!] de coração e ouvidos*” porque “*sempre resistem ao Espírito Santo... Assim como fizeram vossos pais*” (Atos 7:51; ver verso 39). Os matizes idólatras são claros e inconfundíveis: ele “sugere que o templo era uma forma de idolatria” - na maneira que eles o reverenciavam.

Marshall conclui que Estêvão “repousa sobre o ponto negativo, que a adoração do templo impõe um limite falso sobre a natureza de Deus”. Isto é, sugere limites como os associados a ídolos abrigados em santuários. De acordo com Witherington, o ponto desses versículos “não é que a presença de Deus não pode ser encontrada no templo..., Mas que a presença de Deus não pode ser confinada lá, nem Deus pode ser controlado ou manipulado pela construção de um templo e pelos rituais da cultura do templo ou os movimentos de poder da hierarquia do templo. O que está sendo contraposto é uma teologia de Deus na caixa que tem conotações mágicas, sugerindo que se Deus pode ser localizado e confinado, Deus pode ser magicamente manipulado e usado para fins humanos. Tal abordagem é a idolatria - a tentativa de modelar ou controlar Deus com as mãos humanas de acordo com dispositivos humanos. “Estêvão está argumentando que o templo não tinha a intenção, além do tabernáculo, de se tornar uma instituição permanente, detendo o avanço da Plano divino para o povo de Deus” (Bruce Acts 160, citando TW Manson). “Nada está errado com o próprio templo, nem com a construção dele, mas é errado acreditar que ele (e talvez sozinho) é a habitação de Deus. Além disso, a fidelidade a um templo construído com mãos humanas poderia colocar Israel em

perigo de repetir seu pecado anterior no deserto, pois o bezerro de ouro também tinha sido feito por “*suas mãos*” (verso 41). Embora não seja certo, a repetição dessa frase poderia ter convidado tal comparação” (Evans, Lucas, 198).

De fato, “o começo e o fim do discurso, em particular, insistem que a presença de Deus não está restrita a qualquer terra ou qualquer edifício material. Deus se revelou a Abraão muito antes de Abraão se estabelecer na terra santa; Ele deu Sua lei ao povo de Israel por intermédio de Moisés, quando andavam errantes no deserto” (Bruce Atos 141). O discurso de Estêvão também reduz o significado da Terra argumentando que “a atividade significativa de Deus geralmente ocorreu fora dos confins da Palestina” (EBC 9:339): Abraão foi chamado por Deus enquanto estava na Mesopotâmia (Atos 7:2-3), Deus estava com José no Egito (Atos 7:9-16, “*Egito*” aparece seis vezes), Israel “*augmentou e multiplicou no Egito*” (Atos 7:17), Deus levantou Moisés no Egito (Atos 7:22), e Israel recebeu “*o tabernáculo do testemunho no deserto*” (Atos 7:44). Agora é a hora de Deus remover o templo local para que o mundo possa ter acesso à sua adoração (João 4:21-23), como demonstra o fluxo de Atos (Atos 1:8), mostrando que Deus está agora se voltando para os gentios (At 9:15; 11:1, 18; 13:46-47; 14:27; 15:14, 17; 18:6; 22:21; 26:17, 20, 23; 28:28).

Continua no próximo tópico.

Parte 7

A adoração falsa no culto de Israel

Nesta sétima postagem em uma série de 8 partes estou argumentando que o Templo judaico no primeiro século funcionou efetivamente como ferramenta de adoração do imperador, sendo executado por um sacerdócio corrupto em conluio com as autoridades romanas. Eu recomendo ler os artigos anteriores primeiro, e em ordem.

Wiens (62) argumenta a respeito do sermão de Estêvão que “a idolatria não é tanto uma fase inicial [da experiência nacional de Israel começando com Moisés] como uma realidade contínua e que um dos pontos principais de Estêvão aqui é contrastar a adoração falsa e verdadeira em todas as fases do culto de Israel”. Estêvão fala do bezerro de ouro (Atos 7:39-41), culto de Moloque (verso 43) e, finalmente, menciona o templo judaico que foi “*feito com as mãos humanas*” (verso 48). Wiens aponta que Israel, aparentemente, acreditava que, quando eles fizeram um ídolo, eles fizeram o próprio deus, porque eles pediram que Aarão “*nos fizesse deuses*” (verso 40, Êxodo 32:1), e nós lemos que “*fizeram um bezerro*” e “*regozijavam-se nas obras das suas mãos*” (verso 41). Assim, “é isso que os autores de Êxodo e Atos aparentemente queriam que seus leitores entendessem. As pessoas criam seus próprios deuses se não adoram o Deus que criou os céus e *‘todas essas coisas’*” (Wiens 62).

Estêvão traça a história e o fracasso da adoração de Israel. Ele começa com a saída de Abraão de seu país (Atos 7:2-5) para garantir um “*lugar*” para adorar a Deus (Atos 7:7) através do tabernáculo de Moisés estabelecido na Terra (Atos 7:44-45) até sua conclusão em Salomão está construindo o templo “*feito por mãos humanas*” (Atos 7:47-48), que é “*este lugar*” contra o qual Estêvão prega (6:13). Mas, ao seguir sua adoração ao longo dos séculos, ele ressalta sua rebelião contra os homens piedosos (Atos 7:9, 20, 25-29, 35) e seu envolvimento com a idolatria (Atos 7:39-43). Por esta pesquisa redentora-histórica, Estêvão enfatiza o

constante fracasso de Israel em alcançar a meta da verdadeira adoração. Apesar da alegada preocupação do Sinédrio por Moisés contra Estêvão (Atos 6:13-14), Beale (Templo 218) cita John J. Kilgallen, observando que “o propósito de Atos 7:46-52 é concluir que como Moisés foi rejeitado e a adoração do povo tornou-se blasfêmia por isso [Atos 7:20-43], assim com Cristo rejeitado, o culto do Templo se torna uma blasfêmia” (Kilgallen 1976:94). Isto é porque finalmente mesmo Salomão reconheceu (1º Reis 8:27) que [Deus] não habita em casas feitas por mãos humanas” (Atos 7:48 citando Isaías 66:1-2).

Seu ponto geral é que o objetivo da história redentora é finalmente chegar à adoração final de Deus em um templo feito “*sem mãos*”, isto é, no Cristo ressuscitado que é o templo escatológico (João 2:19-21; compare com Daniel 2:34, 45). Israel queria manter seu templo feito à mão que “era um mero apontador para um tempo em que a habitação de Deus na Terra não se limitaria a uma casa feita à mão. Os templos físicos de Israel eram “*feitos à mão*” (Atos 7:44-47) e nunca poderiam ser uma morada permanente para Deus” (Templo Beale 222). Ele [Israel] estava satisfeito com a manutenção da antiga criação “artesanal” do templo ao invés de passar para a nova criação do templo feito “*sem mãos*”. Ele preferiu a antiga ordem temporal, onde os homens poderiam moldar ídolos feitos à mão para si próprios (Atos 7:41) ao invés da nova ordem de Deus feita sem mãos. “O ponto de Estêvão ao citar Isaías 66:1 parece demonstrar que, assim como a própria mão de Deus criou o primeiro cosmos que tinha sido manchado com idolatria, Deus criaria uma nova e eterna criação e Jerusalém, não por mãos humanas, mas por sua própria Mão (assim Isaías 65:17-19 e 66:22)... O segundo templo tornou-se idólatra, já que Israel havia suplantado sua tradição para o próprio Deus. O templo tornou-se o foco central de sua idolatria (Romanos 2:22)” (Templo Beale 310).

Assim, o apego de Israel ao seu templo mostra que aqui a história é um fracasso constante em chegar ao seu objetivo correto:

“Vós, homens de cerviz dura e incircuncisos de coração e ouvidos, sempre resistem ao Espírito Santo; vocês estão fazendo exatamente o que seus pais fizeram”.

(Atos 7:51)

Interessantemente, Estêvão emprega a palavra [grega] *typos* em declarações consecutivas, a fim de fazer um ponto importante: ele fala das

“*imagens*” (*tupas*) feitas para o “*tabernáculo de Moloque*” e Renfã, e logo imediatamente do “padrão” do “*tabernáculo do testemunho*”. Seu ponto parece ser que “somente aqueles que” veem “através dos modelos feitos à mão para o Deus que não habita nas coisas criadas podem adorar verdadeiramente. Aqueles que veem apenas o que fizeram ou projetaram adoram ídolos. E isto é tão verdadeiro para o tabernáculo quanto para o templo” (Wiens 75). Assim, a devoção judaica ao templo “*feito com as mãos humanas*” bloqueia sua visão através desse templo para o seu Deus, “o *Altíssimo*” (Atos 7:48). O que é bom foi feito ruim. Jesus pôde de uma só vez declarar que o templo que deveria ser “*uma casa de oração*”, se tornou um “*covil de ladrões*” (Lucas 19:46). “*Minha casa*” (Mateus 21:13) pode tornar-se “*vossa casa*” (Mateus 23:38).

Assim, “em alguns aspectos, a polêmica de Estêvão é o tipo familiar e padronizado de judeus usados contra os templos pagãos e a teologia da residência de Deus, que estava envolvida no pensamento pagão” (confira Atos 17:16)¹. Um ponto que qualquer judeu poderia fazer em uma polêmica contra o paganismo” (Hill, *Regnum Caelorum*, 74). Walker (66-67) comenta sobre o uso da [palavra grega] *cheiropoiētos* por Estêvão em sua defesa:

“Apesar do verdadeiro estatuto do Templo aos olhos de Deus, efetivamente se tornou para eles um ídolo. Ainda mais surpreendente, talvez o Templo tenha se tornado um ídolo, não apenas subjetivamente nos corações de sua audiência, mas objetivamente à vista de Deus. Sua idolatria subjetiva do Templo (buscando preservar o “*lugar santo*” contra todas as críticas) tem sido um fator instrumental para levá-los a descartar o verdadeiro Messias de Israel quando ousou falar contra ele (Atos 6:14). Isso é tão sério que Deus permitiu que a idolatria também se tornasse objetiva. O Templo perdeu seu estatuto anterior e está agora em sua visão também meramente como uma construção humana (*cheiropoiētos*), sem significado”.

A grande tragédia de Israel foi que seu Messias “*veio para os Seus, e os que eram Seus não o recebeu*” (João 1:11), de modo que chorou sobre eles por sua cegueira (Lucas 19:41-44). Scharlemann (106) argumenta: “A julgar pelo discurso atribuído a Estêvão, ele viu o templo como uma das instituições do judaísmo que mantinha os judeus... Para aceitar Jesus como o Messias. Esta é uma razão pela qual ele se envolveu em um ataque frontal a ele, em todo seu significado religioso. Estêvão o chamou de uma instituição humana, uma criação idólatra, como o bezerro de ouro. Os

judeus contemporâneos tinham certeza de que o templo havia sido criado pelas mãos de Deus; mas Estevão falou disso como “*feito com as mãos humanas*”. Ele acrescenta: “Ao aplicar ao templo em Jerusalém a frase “*feito à mão*”, Estêvão pretendia dizer que ele se tornara um objeto de idolatria, pois esta é a mesma linguagem que ele usou para descrever o bezerro de ouro. Estêvão não era oposto ao templo como tal.² Depois de tudo isto, [no final das contas, foi no templo] onde Cristo foi dedicado a Deus (Lucas 2:27), onde Ele foi para a Sua “*casa do Pai*” (Lucas 2:46-49), e onde Ele ficou furioso com o abuso judeu do templo (João 2:13-17). De fato, o templo havia se tornado “o principal símbolo de uma crença supersticiosa de que Deus protegeria e reuniria seu povo, independentemente de sua conformidade com a Sua vontade”.³ [Beale (Temple 310) concorda: “O *establishment* religioso viu supersticiosamente o templo como uma garantia de que Deus guardaria e prosperaria a nação apesar de sua desobediência à Sua vontade”.

Conforme Estevão termina seu discurso, ele efetivamente considera os Sanhedrins [a Suprema Corte do Povo Judeu] como idólatras assim como os gentios, pois eles são “*de dura cerviz*” e “*incircuncisos de coração*”, lembrando-lhes do episódio do bezerro de ouro (Atos 7:39-41), onde ambas as acusações foram originalmente colocadas contra Israel (Deuteronômio 10:16, Êxodo 33:5). Ele relaciona o ídolo do bezerro de ouro ao templo, em que ambos são feitos por “*mãos humanas*” (Atos 7:41, 48). Falando “*como um profeta de outrora*”, Estevão observa que “a acusação de Deus repousa sobre eles como fez com seus ancestrais idólatras e apóstatas” (EBC 9:348). Devemos lembrar que Jesus prometeu dar aos seus seguidores perseguidos as mesmas palavras para falar quando trazidos diante dos conselhos (Lucas 21:12-15). Estevão é o primeiro mártir e dá o mais longo discurso em Atos como uma expressão mais poderosa da advertência de Cristo. Suas circunstâncias são muito parecidas às circunstâncias do julgamento de Cristo.

A palavra “*feitos por mãos humanas*” (Atos 7:48) sempre se refere a ídolos no Antigo Testamento grego e é sem exceção uma referência negativa no Novo Testamento. Beale (Temple 224, 225) considera significativo que “o único outro uso em Atos se refere a um templo pagão idólatra”. Em Atos 17 Paulo prega aos atenienses sobre seus muitos ídolos, um “*para o Deus desconhecido*” (Atos 17:16, 23): “*Deus que fez o mundo e todas as coisas Nele, porque Ele é Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos [cheiropoiētois, no grego]*” (Atos

17:24). Isso também retoma a declaração de Jesus e, como a defesa de Estêvão, alude a Isaías 66:1-3. Ainda mais tarde, Paulo é acusado de desviar as pessoas da idolatria “*dizendo que os deuses feitos com as mãos [dia cheirōn ginomen, no grego (uma expressão diferente)] não são deuses*” (Atos 19:26).⁴ Apocalipse 9:20 também menciona os ídolos que eram “*as obras de suas mãos [ergōn tōn cheirōn, no grego]*”.

Continua no próximo tópico.

Notas

¹ Ben Witherington, Acts, 273n.

² F. F. Bruce, Acts, 143-44.

³ Carson, Matthew (EBC) (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 442.

⁴ Here, however, he employs different terms: dia cheirōn ginomenoi.

Parte 8

Conclusão

Nesta oitava postagem de uma série de 8 partes estou concluindo meu argumento de que o Templo judaico no primeiro século funcionou efetivamente como ferramenta de adoração do imperador, na medida em que estava sob o controle dos sacerdotes controlados pelos romanos. Eu recomendo ler os artigos anteriores primeiro, e em ordem.

Devemos lembrar que Jesus chamou o Israel do primeiro século, sob suas autoridades incrédulas, de uma “*geração adúltera*” (Mateus 12:39; 16:4). Essa carga remete para a infidelidade de Israel por meio da idolatria. Assim, o sistema do templo do primeiro século sobre o qual João escreveu, é controlado por um sumo sacerdócio corrupto, negando o Messias e agora se tornou um ídolo ligado e comparado ao culto do imperador. Por esta razão, Cristo começa a afastar o seu povo do templo porque com a sua vinda já não serve para qualquer propósito aprovado por Deus. Como Wright (*Jesus and the Victory of God*, 182) observa:

“Jesus profetiza que Deus destruirá o templo..., Não só porque estava se tornando obsoleto, mas por causa de seu uso falho e da rejeição de Jesus por parte de Israel”.

A razão pela qual os cristãos visitaram o templo em Atos não foi para participar de seu culto, mas para obter acesso por um testemunho aos judeus (At 3:11, 5:20, 25, 42, ver 3:11, 5:12, 20). Nisso, eles seguiam o exemplo de Jesus que “*falava abertamente*” em “*sinagogas, e no templo, onde todos os judeus se reúnem*” (João 18:20, Mateus 21:23; 19:47). O templo é “o ponto de encontro dos discípulos e o lugar natural para os apóstolos apresentarem sua reivindicação à liderança religiosa de Jerusalém de que Jesus, embora crucificado, é o Messias de Israel. É um objetivo estratégico natural”.¹ Certas passagens-chave em Atos “indicam que os apóstolos estavam no Templo principalmente para espalhar a palavra sobre o cumprimento da história que eles acreditavam ter

começado com as ações de Jesus... O pátio do Templo era o principal lugar de encontro público em Jerusalém e o lugar óbvio para tais atividades” (Horsley, *Jesus and the Spiral of Violence*, p. 292).

O sermão do mártir Estêvão destaca o absoluto fracasso espiritual e moral de Israel mostrando que “*Vós, que recebestes a lei por ordenação dos anjos, e não a guardastes*” (Atos 7:53) - embora esta fosse a própria acusação contra Estêvão (Atos 6:13b). Israel era “*de dura cerviz*”, “*incircunciso de coração*”, “*sempre resistindo ao Espírito Santo*” (Atos 7:51). Eles perseguiram os profetas² e foram “*traidores e assassinos*” do “*Justo*” (Atos 7:52). O próprio povo é corrompido, o seu templo é corrupto, irrelevante e erroneamente exaltado. Por isso, afasta Israel do culto apropriado de Deus, servindo, portanto, como um ídolo. Os serviços do templo “*não mais... Representam a vontade de Deus para que aquilo que deveria ter alcançado seja buscado em áreas completamente diferentes de expressão religiosa. Tal atitude poderia eventualmente resultar na exigência de que os vaidosos mas sedutores serviços do templo cessassem, mesmo que o templo fosse destruído*” (Gaston 103).

Por causa desta perspectiva “a igreja primitiva foi acusada repetidamente de oposição ao templo, no caso de Estêvão (Atos 6:13), Paulo (Atos 21:28) e todos os apóstolos (Evan, *Pet*, vii, 26). Parece que [o] dizer em Marcos 14:58 era importante na polêmica anti-cristã da época de Marcos” (Gaston 69). “O ponto do discurso [de Estêvão] é claramente dirigido contra o excesso de estimativa do templo em Jerusalém”.³ No segundo século, o cristão Barnabas declarou:

“Os miseráveis [judeus], errando por erro, confiaram não em Deus mesmo, mas no templo, como sendo a casa de Deus. Pois, quase depois do modo dos gentios, adoravam-no no templo” (Barn., 16).

O culto ordenado por Deus, sob o controle dos que clamam “*não temos mais rei senão César*”, serviu como meio indireto de adoração ao imperador que João está expondo.

Hare (130) observa que “a perseguição ocorreu quando os cristãos desafiaram os símbolos da solidariedade étnica de forma tão acentuada que se colocaram além dos limites de tolerância da comunidade judaica”. Os judeus, portanto, buscavam a pena capital para qualquer um que falasse do Templo, no dia de Jeremias (Jeremias 26:7-8, 11, Antiquidades 10:6:2 §89-92), bem como no primeiro século (Atos 6:14; 21: 26-30; 24:6; 25:7-8, Sanh. 13:5, Ros. 17a, Ber. 9:13b). Josefo registra a história de Jesus

Ananias que pregou aflição contra Jerusalém e o templo antes de finalmente ser morto (J.W. 6:5:3 §300-09).

Assim, “a acusação feita contra Jesus no seu julgamento de que ele destruiria o templo, embora falsa em um nível, é verdadeira em um nível mais profundo. Jesus é o destruidor do Templo num sentido figurado: a sua destruição é o resultado da sua morte, provocada pelos responsáveis pelo culto do templo” (Walker 12, citando Donald Juel). Da mesma forma, as “*falsas testemunhas*” contra Estevão (Atos 7:13) “parecem ter sido falsas mais em nuances e graus do que em espécie. Das acusações e de sua defesa, está claro que Estevão começou a aplicar suas convicções cristãs a respeito da centralidade de Jesus de Nazaré no programa redentor de Deus” (EBC 9: 335-36). Como diz Scharlemann (13): “A natureza desta acusação, no que se refere à atividade de Estêvão, sugeriria que as testemunhas são chamadas de “*falsas*” porque levaram suas acusações com malícia e não porque elas mesmas inventaram a substância de suas acusações” (cp Bruce *Actos* 135).

Notas

¹ P. W. L. Walker (65); cites J. Munck, *Paul and the Salvation of Mankind* (London: SCM, 1959), 242.

² This charge of killing the prophets is stereotypical language from the OT (Neh 9:26; cp. 1Ki 19:10, 14; 21:13; 2Ch 24:21; 36:15ff; Jer 2:30; 26:20-23; Mt 5:12; Heb 11:36-37). See also Josephus, *Ant.* 9:13:2 §264; 10:3:1 §38.

³ Johannes Weiss, *Earliest Christianity: A History of the Period A.D. 30–150* (New York: Harper, 1959), 1:169.

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo

– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação

David Chilton, 148 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista

- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -

Brian Schwertley, 76 páginas.

Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

– Volume Único –

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Heresias do Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo

Desmascarando o Dogma Dispensacionalista

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo

Arthur W. Pink, 42 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)

Nathan Pitchford, 29 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden

Jair de Almeida, 31 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia

– eventos literais ou metáfora poderosa?

Brian Godawa, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo

Hermes C. Fernandes

Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto

– Um guia otimista para o fim do mundo –

Jonathan Welton, 223 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm